

## GERAÇÃO ANAVITÓRIA: UMA ANÁLISE DA TEORIA QUEER A PARTIR DO FILME ANA E VITÓRIA

Patrícia Formiga Maciel Alves

*Universidade Estadual de Pernambuco – UPE/ Mata Norte. (patriciafmalves@hotmail.com)*

Cristiane Leal Rodrigues Soares

*Centro Universitário de João Pessoa – UNIPÊ (Cristiane.30@hotmail.com)*

**RESUMO:** Este trabalho tem como objetivo discutir as mais recentes manifestações de experimentar a sexualidade no universo juvenil. No qual surge a visão da sexualidade como dinâmica, ou algo que não precisa ser definido ou determinado por toda a vida. Questionando, com isso, modelos engessados de sexualidade e de preconceitos que fecham os olhos para a pluralidade e excluem a diversidade. Para tanto, tomamos como objeto de discussão o filme, Ana e Vitória recentemente veiculado nos cinemas brasileiros. Associada a discussão das experiências das artistas do filme utilizamos a teoria *queer* como fonte de reflexão mais aproximada dos contextos da sexualidade fluida característica dos cenários pós modernos. Os jovens contemporâneos tem revelado novos interesses e posturas em suas relações amorosas, nas quais o sexo biológico não tem importância central. Ao afastarem-se dos padrões heterossexuais, por sua vez, esses jovens são tratados como desviantes, pela sociedade, e expostos as suas pedagogias corretivas. Pretendemos trazer a temática a discussão para refletirmos sobre a diversidade e sobre caminhos mais inclusivos na educação.

**Palavras-chave:** Sexualidade juvenil, Anavitória, Teoria *queer*.

### INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo central discutir as novas possibilidades de experimentar e expressar a sexualidade no universo juvenil da atualidade. Trata-se de uma contribuição fundamental à reflexão de um dos pilares da constituição da identidade individual, a sexualidade dos “viajantes pós modernos”, como nos apresenta Louro (2004), ao retratar a viagem que fazemos entre as várias possibilidades de identidades, destacando que algumas pessoas podem inovar e são recorrentemente, por isso, consideradas transgressoras. A juventude contemporânea, como veremos adiante neste trabalho, e como observamos com a contribuição do filme Ana e Vitória, que aqui tomamos como instrumento de análise, tem revelado intenso câmbio na constituição de suas identidades sexuais, mostrando que preocupam-se muito mais em extrair prazer do processo de “viajar”, ou de constituir-se como pessoa, do que propriamente com a “chegada” a determinado lugar ou a uma determinada identidade fixa padrão. Por sua vez, esses mesmos jovens, ao ultrapassarem os limites dos padrões, tornam-se alvos prioritários das pedagogias corretivas e normalizadoras, instituídas pela sociedade que lhes reservam penas, sanções e exclusões.

A sociedade e a educação de forma geral sempre tiveram dificuldade de lidar com a pluralidade, a inovação e a diferença, tendendo sempre a silenciá-las e a neutralizá-las. A dominação política e historicamente determinada nas relações entre diferentes grupos e,

principalmente, na história do mundo ocidental, nos revela o quanto o colonialismo negou a diversidade humana. Centrado num modelo cultural único e na necessidade de colocar sob controle o diferente, a sociedade ocidental constrói uma prática pedagógica também única e centralizadora. Felizmente, o movimento da atualidade, caminha no sentido de promover a diversidade e não mais a homogeneidade. As Ciências Sociais e a Educação, vinculadas e determinadas pela lógica impositiva dessa história comum, defrontam-se ambas com o desafio de resgatar e redimensionar o universo das diferenças, da diversidade que exige renovar a visão de mundo e das coisas (LAPLANTINE, 1993).

A partir dessa perspectiva compreendemos que não mais se admite pensar os jovens e denomina-los como desviantes que precisam ser sistematicamente corrigidos. Antes, precisamos conhecê-los e ajudá-los nesse processo de descobertas e de desconstruções de preconceitos. Contribuindo com isso para uma educação plural e inclusiva. Optamos, por isso, em utilizar os instrumentos conceituais da Teoria *queer*, pois entendemos que ela se propõe não só a pensar a fluidez das identidades sexuais, mas também a refletir as relações de poder/saber vinculadas as questões de sexualidade que se inserem diante das organizações educacionais de nossas sociedades.

## **METODOLOGIA**

A abordagem metodológica desse trabalho conta com pesquisa bibliográfica de autores tanto das Ciências Sociais quanto da Educação que discutem prioritariamente as temáticas da sexualidade, da diversidade e da educação, Além das referências teóricas como Louro (2004); Hall (2006), dentre outros tantos citados, também lançamos mão da Antropologia da imagem. Entendendo conforme Koury (2004) que o uso das imagens nas pesquisas em ciências sociais tem ampliado, mais e mais, o campo do sensível e do inteligível no entendimento do social e do cultural. Além disso, contamos como instrumento de análise as narrativas das jovens, apresentadas no filme, que baseia-se em histórias reais. Tais narrativas nos ajudam a pensar as diferentes formas de experimentar a sexualidade feminina, na juventude, podendo-se considerar a “identidade jovem” também como uma tarefa e como um “ato de libertação – libertação da inércia dos costumes tradicionais, das autoridades imutáveis, das rotinas pré-estabelecidas e das verdades inquestionáveis. [...]” (BAUMAN, 2005 p. 56) quase sempre incompleta e questionável.

Como já citado anteriormente, para a discussão sobre a sexualidade na juventude atual lançamos mão do Filme Ana e Vitória que estreou em 2 de Agosto do corrente ano, com a direção de Matheus Souza. O filme conta o início da trajetória do duo Anavitória, e trata de uma ficção baseado na vida real. A história se passa no Rio de Janeiro, onde Ana e Vitória se conhecem numa festa e planejam num futuro incerto tocarem juntas. Além de contar a história de como a dupla de sucesso se formou, meio que por acaso e por obra da internet, o filme tem como pano de fundo a busca das personagens principais pelo amor romântico. Além desta busca pelo amor romântico o que mais nos chama atenção no filme é o modo com os jovens se comportam, num livre trânsito entre os sexos, alternando relacionamento com sexos diferentes sem que apareçam interrogações, questionamentos da parte de nenhum dos personagens.

O filme começa numa festa onde Ana tem uma namorada que quer um relacionamento aberto, mas ela recusa esta proposta, e minutos depois ao conhecer Cecília no banheiro, logo muda de ideia. De imediato, se apaixona por Cecília. Uma das músicas do filme é Cecília, que está no novo álbum, e foi composta para essa personagem do filme que vive um romance conturbado com Ana, cheio de ciúmes e inseguranças, e que por isso chega ao fim. Ainda sofrendo com o término do relacionamento com Cecília, Ana se envolve com um garçom que trabalhava no Hotel onde elas se apresentam. Já no final do filme tem uma recaída por Cecília, marcam um encontro, mas o que parecia um reinício da relação, é apenas uma oportunidade para Cecília vingar-se por ter sido deixada por Ana.

Vitória por sua vez, espera na mesma festa um “peguete”, mas acaba se envolvendo com a ex de Ana, tendo sua primeira relação com uma pessoa do mesmo sexo. Quando o “peguete” chega no fim da festa, eles acabam indo juntos para a casa dele. Mantem esta relação assim, sem compromisso. Quando voltam ao Rio para o primeiro show do duo Anavitória, se encontra com ele, mas vai se envolver com uma outra moça que não faz exigências já que mantém um relacionamento com outra pessoa também. Em determinado momento Vitória sente-se aprisionada pelos dois ficantes e resolve ficar sozinha. No final do filme se envolve com um amigo.

A liberdade com a qual as jovens se aventuram em relações amorosas pode resultar da distância em relação as suas famílias e cidade de origem, longe dos olhares cerceadores da família e do interior de Tocantins, Araguaína.

O filme que está no gênero de comédia musical e romance, traz músicas que falam de amor, e de sofrimento. Conforme reflete a crítica, o filme conquistou o público jovem que se

identifica com a história das artistas e aponta para algo que vem crescendo no universo juvenil, a visão da sexualidade como dinâmica, mutável, algo que não precisa ser definido ou determinado por toda a vida.

O título do novo álbum – o tempo é agora, traz o imediatismo das relações, viver o hoje e agora. Nada de adiamentos, algo próprio da pós-modernidade. A liberdade pós-moderna caracteriza-se pela urgência com que se busca os prazeres em nítida discrepância com o adiamento, a renúncia ou a supressão dos instintos abordados por Freud. Por tal razão, a identidade é sempre um eu transitório à cata de possibilidades inéditas, nunca chegando a se completar. É sempre fluida, depende do que está por vir. Assim, os indivíduos contemporâneos buscam a liberdade, e a felicidade, mesmo que os laços humanos sejam fracos e tenham uma duração menor (BAUMAN, 1999).

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

### **Notas sobre sexualidade**

A sexualidade é parte integrante da personalidade de todo ser humano. É construída por meio da interação entre os indivíduos e as estruturas sociais. A sociedade prega a heterossexualidade, que não aparece aos indivíduos como uma escolha, pois uma sociedade, machista, patriarcal, racista e homofóbica, forma a todos para se relacionarem obrigatoriamente com pessoas do sexo oposto. Assim, esta obrigação aprendida na família, na escola e pela mídia se constitui em um sistema denominado heteronormatividade. Os homossexuais vivem sob a suspeita de que ameaçam a coesão cultural e moral da sociedade (BORRILLO, 2011).

A exibição do filme, Ana Vitória contribui para questionar esse quadro e para modificá-lo. A mídia de forma geral, demonstra abrir espaço para novas vivências da sexualidade. Somase a isso avanços no campo da psicologia, em apresentar a homossexualidade, a bissexualidade e a heterossexualidade como naturais nuances da estrutura afetiva dos sujeitos desejantes, não se trata, pois, nem de determinismo, nem de livre opção (ninguém escolhe ter uma vida sexual culturalmente estigmatizada). Os preconceitos na verdade, é que deturpam a vivência e a compreensão da sexualidade. Inadequadas expressões como “opção sexual”; “escolha sexual”; “transtorno”; “perversão”; “inversão”, ainda presentes em manuais e livros, distanciam-se da compreensão moderna da sexualidade, e aos poucos serão extintas.

Tardamos em reconhecer que a heterossexualidade não é a única forma de expressão da sexualidade da pessoa humana, respaldados numa cultura etnocêntrica, de ignorância e preconceito que outrora justificava a discriminação aos gays, lésbicas e transgêneros. Ciência não se pauta em preconceito, e nem uma nação que se diz democrática e justa pode abrigá-lo em seu seio. A sociedade aos poucos deve abandonar o comportamento hostil em relação aos homossexuais, que ignorava o posicionamento da ciência de que existem três orientações normais: a heterossexualidade, a homossexualidade e a bissexualidade.

Assim, na sociedade pós-moderna, devemos superar a educação que caracterizava a sociedade moderna/industrial, e que se baseava em princípios como a vontade de libertar e ilustrar os meninos e meninas, socializando-os nos valores hegemônicos e nos conhecimentos apropriados do ponto de vista da cultura dominante. Tudo isso, intimamente ligado à transmissão da hierarquia presente em outros espaços sociais, como o trabalho e a família. Insistir nessa concepção é caminhar para o fracasso e para a imposição de modelos obsoletos que só serão úteis para os grupos privilegiados e que condenarão os demais a exclusão. A geração Anavitória parece ter conseguido liberta-se dessa cultura heterossexista.

### **Notas sobre identidade e identificações**

As questões em torno da identidade insere-se no pensamento clássico ocidental e tem sido amplamente debatida nas Ciências Sociais e na Educação. Observa-se, neste debate, que as identidades mais tradicionais, aquelas que historicamente conduziram as formas de pensar, ser e sentir dos indivíduos no mundo, estão em declínio, dando aberturas a novas e fluidas identidades. Os jovens parecem estar, nesse sentido, na linha de frente das mudanças mais perceptíveis das identidades. Na percepção de Dayrell (2007, p.3) existe uma nova condição juvenil na atualidade, “[...] um novo jeito de ser jovem [...]” vistas as mutações culturais mais recentes, em especial aquelas associadas a sociedade de Risco (Beck, 2010).

A sensação de instabilidades, de incertezas e de transitoriedades atribuídas ao mundo do trabalho, da economia, que perpassam todas as instâncias da vida social, afetam a juventude exigindo-lhes constantes necessidades de adaptações. É possível perceber no filme o sentimento de incertezas constantes das personagens, quando retratam suas trajetórias de vida, seus medos e desafios. Mostrando o mundo do risco diante do qual vivenciamos. Algumas declarações do filme podem expressar essa ideia tão clara na trajetória das jovens artistas:

- “Só que no final das contas, se eu não fizer esse negócio de música, lascou, porque eu só sei fazer isso” [...] (Ana)

- [...] “Olha aí oh, trote, eu te disse, nada disso vai dar certo, a realidade da vida é massacrante”[...] (Vitória )

Essas inúmeras reformulações pelas quais os indivíduos precisam atravessar para inserir-se na vida social caracterizada pelo risco, certamente afetam também as identidades e os processos de identificação. Desse modo, a reflexão tradicional sobre a identidades não nos permite pensar os novos contornos e processos de identificação na pós modernidade (Hall, 2006). A identidade na pós modernidade é sempre uma tarefa a se escrever. O eu é pensado, mas pensado na transitoriedade, nunca chegando a se completar. A felicidade é associada a liberdade de escolhas e o eu se coloca como centro do prazer das experiências, experiências essas marcadas pela honestidade de ser e viver quem se é. Tal questão pode também ser percebida em um dos diálogos do filme, quando as cantoras são produzidas para o show, como segue:

- Essa pessoa não sou eu! (Vitória)
- Quem é tu então? (Ana)
- Eu só estou procurando um negócio pra ser agora, que faça sentido, faz sentido pra ti? (Vitória)

Após esse diálogo, as artistas, antes de entrarem no palco, retiram a maquiagem, tiram os saltos e se despem daquilo que não lhes caracterizam, ou seja, eliminam as máscaras com as quais não se identificam. Mostrando que nos processo de identificação, seleções são realizadas, e se determinados perfis são assumidos, ainda que temporariamente, outros são deixados para trás. Isso se caracteriza como atos de liberdade e de felicidade.

De sorte que, conforme nos orienta Hall (2006):

Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideias que temos de nós próprios como sujeitos integrados (HALL, 2006, p. 9).

Além disso, as novas tecnologias desestabilizam antigas certezas; implodem noções tradicionais de tempo, de espaço, de "realidade"; subvertem as formas de gerar, de nascer, de crescer, de amar e de morrer. Todas essas transformações afetam, sem dúvida, as formas de se viver e de se construir identidades, incluindo todas elas e não somente as sexuais. Na verdade, tais transformações constituem novas formas de existência para todos, mesmo para aqueles que, aparentemente, não as experimentam de modo direto.

Acrescentado a essa nova realidade o surgimento da psicanálise, que contribuiu para que a sexualidade fosse tomada como objeto de estudo, apresentando-nos mais elementos e novas formas para entender o homem. O homem pós moderno, o homem fragmentado, de múltiplas identidades, conforme ensina Louro (2010, p.6).

Nada há de simples ou de estável nisso tudo, pois essas múltiplas identidades podem cobrar, ao mesmo tempo, lealdades distintas, divergentes ou até contraditórias. Somos sujeitos de muitas identidades. Essas múltiplas identidades sociais podem ser, também, provisoriamente atraentes e, depois, nos parecerem descartáveis; elas podem ser, então, rejeitadas e abandonadas. Somos sujeitos de identidades transitórias e contingentes. Portanto, as identidades sexuais e de gênero (como todas as identidades sociais) têm o caráter fragmentado, instável, histórico e plural.

A busca da construção da identidade parece terminar para Vitória que vindo do interior para a cidade grande diz logo no início do filme para a mais nova amiga: “Eu vim me encontrar”. No final ela agradece a Ana: “obrigada, obrigada, obrigada por me encontra”. Elas se encontram na música, na parceria, mas no amor... Em uma das falas de Vitória ela indaga para a produtora:

- Amor existe?
- Da pra acreditar?
- Como é isso?
- Conta pra gente.

### **Notas sobre os desafios da teoria *queer***

Na esteira do movimento multicultural e abraçando esta noção de identidade fluida, surgiu a teoria *queer*, que emprega novo sentido a sexualidade, vista como dinâmica e cambiante, o que implica compreender que os objetos de desejos podem mudar durante a vida ou em práticas discursivas diferentes: nossas performances de sexualidade podem ser mutáveis, não são rígidas, as possibilidades são ilimitadas. Tal teoria coloca a orientação e identidade de gênero como um construto social, não são determinados pela natureza, e sim formas variáveis.

Esta percepção envolve a concepção de sexualidade como algo que nunca está pronto ou que está sempre se fazendo, e que pode ser construída e reconstruída discursivamente. Tem, portanto, como projeto a desestabilização da chamada matriz heterossexual por meio da qual o desejo tem sido historicamente, avaliado, justificado e legitimado (LOPES, 2008, p.140).

A teoria *queer* sofreu influências de Michel Foucault e teve origem também nos EUA, em meados da década de 80 a partir das áreas de estudo gay, lésbicas e feministas, tendo alcançado notoriedade no fim do século XX. Como nos ensina Lopes (2008), é importante frisar que a teoria *queer* não está na defesa de gays e/ou lésbicas, vai mais além quando busca a recusa de qualquer essência para a sexualidade, que a aprisione, remetendo a velha ideia de que o sexo biológico determina o papel sexual. Para este autor, este fato torna o tema das sexualidades menos amedrontador ao passo que tal teoria não se qualifica por uma atitude defensiva em relação a sexualidade x ou y.

É preciso que se esclareça que papel sexual é diferente de sexo biológico. Sexo biológico é definido por um conjunto de características genéticas, enquanto papel sexual não se limita a natureza biológica do sexo e atende a uma expectativa que a sociedade tem em relação ao comportamento e às atitudes esperadas de um determinado gênero que, cerceiam a liberdade. Esta distinção e separação da natureza biológico do sexo e do papel sexual, fez com que as opções sexuais se diversificassem, e espera-se que produza como resultado, a diminuição do preconceito e da intolerância, e aumente o respeito à escolha de cada um. A atualidade registra pessoas com interesses sexuais que variam bastante, como aparecem no filme, e os debates sobre homossexualidade, bissexualidade e outros comportamentos e interesses sexuais são intensos (ABREU, 2000).

Nesse entendimento, a grande contribuição desta abordagem se refere a possibilidade de incluir na educação a compreensão de que os sentidos e as verdades que nos cercam, não passam de construções ou invenções e que como tais podem ser refeitos, redescritos ou reinventados. Principalmente acarreta a necessidade de aprender na educação de forma geral, a duvidar das certezas e das verdades petrificadas em que estamos circunscritos. A teoria *queer* nos impulsiona a pensar de outro modo ao suspender significados enraizados para além daqueles referentes ao desejo sexual. Somos convidados a relativizar. A antropologia nos ensina a evitar respostas precipitadas, procurando analisar as situações complexas com cuidado e a partir do maior número de ângulos possível. Em outras palavras, representa um convite a refletir de uma maneira diferente ou a construir conhecimentos e significados de outra forma. Essa teoria desestabiliza a posição da heterossexualidade como matriz, ao despatologizar a homossexualidade, ao contemplar a natureza mutável das sexualidades, e a não superiorizar nenhum desejo sexual em detrimentos de outro, operando uma desnaturalização da vida social.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Temos um longo caminho a percorrer para que ideias propostas como a teoria *queer*, façam parte da educação. Creio que o filme Ana e Vitória, mesmo que de forma despretensiosa tenha propagado a aceitação das relações amorosas sem a necessidade de rotulá-las, mas seguindo o fluxo dos interesses que estão para além de uma exigência de sexo.

Nosso desafio como educadores é o de propagar a aventura de se colocar no lugar do outro, de ver como o outro vê, de compreender um conhecimento que não é o nosso. Nessa encruzilhada os “não-antropólogos buscam “um olhar antropológico” pelo qual se guiarão nos mistérios da pesquisa de campo. Avaliar a questão das diferenças, tão cara à antropologia e tão desafiadora no campo pedagógico justamente por sua característica institucional homogeneizadora, não é uma tarefa simples. Desde sempre, a antropologia e a educação têm se defrontado com universos étnicos, econômicos, sociais e de gênero, entre tantos outros, como desafios que limitam ou impedem que se atinjam metas, engendrando processos mais universalizantes e democráticos. No tempo presente com tantas mudanças numa sociedade que se globaliza, estas questões não só não se encontram resolvidas, como renascem com intensidade perante os contextos em transformação.

A compreensão de diversas sociedades humanas, em seus próprios termos, através de questionamentos dos valores e das convicções de nossa sociedade, permite o conhecimento através da crítica ao “etnocentrismo, à intolerância e a não aceitação da diferença”. A superação do etnocentrismo, a apreensão do diverso para compreendê-lo em relação, significa relativizar o próprio pensamento para construir um conhecimento que é outro, a realidade como realidade vivida e experimentada pela compreensão de outras sociedades e da própria cultura. Nesse movimento de tensão e compreensão reside a natureza do diálogo entre antropologia e educação, já que ambas são devedoras científicas do processo de imposição de si ao outro, posto pelo desenvolvimento do mundo colonial e do colonialismo ocidental, cuja meta visava suprimir toda e qualquer alteridade, em nome de um modelo de vida cultural e pedagógico do tipo etnocêntrico, autocentrado e homogeneizador.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, Cathia. Quebra de tabus. **Revista Sociologia - Ciência e Vida**. Ano 1. Número 3. Editora Escala, São Paulo, 2007.
- BAUMAN, Zygmunt. **Globalização, as consequências humanas**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1999.
- \_\_\_\_\_. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1997.
- \_\_\_\_\_. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- BECK, Ulrich. **Sociedade de Risco**. São Paulo: Ed. 34, 2010.
- BORRILLO, Daniel. **Homofobia: história e crítica de um preconceito**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2010.
- CANDAU, Vera Maria. Multiculturalismo e educação: desafios para a prática pedagógica. In: **Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas**. Antônio Flavio Moreira e Vera Maria Candau (orgs). 2ª Edição, Petrópolis- RJ, Vozes, 2008.
- CANEN, Ana. **O multiculturalismo e seus dilemas: implicações na educação**. Revista Comunicação & Política, v. 25, nº 2, 1996.
- CARDOSO, Carlos Manuel. **Educação multicultural: percursos para práticas reflexivas**. Lisboa: Texto Editora, 1996.
- DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. **Revista brasileira de educação**. N. 24. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação. Set/Out/Nov. 2003
- DIAS, Berenice Maria (Coord.) **Diversidade sexual e Direito Homoafetivo**. São Paulo, Revista dos Tribunais, 2011.
- DINIZ, Ariosvaldo & ALVES, Patricia F. M. **A Implosão do Sentido: o discurso Sociológico da Pós- Modernidade**, João Pessoa, Manufatura, PPGS, UFPB, 2005.
- FEATHERSTONE, Mike. A Globalização da complexidade: pós-modernismo e cultura de consumo. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, n- 32, ano 11, outubro de 1996.
- GEERTZ, C. Os usos da diversidade. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v.10, 1999.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 4.ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2006.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro (org). **Sociologia da Imagem: ensaios críticos**. João Pessoa. GREI, 2004. Edição em CD – Rom.

LOPES, Luis Paulo Moita. Sexualidades em sala de aula: discurso, desejo e teoria queer. In: **Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas**. Antônio Flavio Moreira e Vera Maria Candau (orgs). 2ª Edição, Petrópolis- RJ, Vozes, 2008.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

McLAREN, Peter. **Multiculturalismo crítico**. São Paulo: Cortez, 1997.

MINAYO, Maria C. de Souza (Org). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 29ªed. Petrópolis: Vozes, 2010.

MELLO, Celso de Albuquerque (et al). **Teoria dos direitos fundamentais**. Rio de Janeiro. Renovar. 2000.